



DSM aposta em novos suplementos para bovinos

Antonio Ruy Freire, presidente da DSM para a América Latina, diz que nutrição animal é a maior responsável pela receita. Cada vez mais questionado no mundo, o uso de antibióticos como promotores de crescimento em animais criados para abate e consumo humano encontrou uma alternativa à base de óleos naturais na área de bovinos. Essa é a promessa da multinacional holandesa DSM. Dona da brasileira Tortuga, maior empresa de nutrição animal em bovinos do país, a companhia lança hoje em São Paulo dois novos suplementos para o uso em confinamentos. Além da aposta em um "substituto perfeito" para os antibióticos, a DSM também desenvolveu um suplemento que combina duas tecnologias - que usa óleos naturais e uma enzima chamada amilase. Com esse produto, a DSM vislumbra um aumento de 12% ou 1,8 quilo no ganho de peso diário de bovinos criados em confinamento. Na prática, o rendimento desse novo suplemento se aproxima do potencial dos polêmicos aditivos da classe dos beta-agonistas desenvolvidos pela indústria veterinária, que foram suspensos pelo Ministério da Agricultura em dezembro de 2012 após ameaça de embargo à carne bovina brasileira feita pela União Europeia. "Esses produtos substituem com vantagem os antibióticos e outros promotores de crescimento", afirma o diretor de integração DSM e Tortuga, Gabriel Ghirardi. Segundo o presidente da DSM para a América Latina, Antonio Ruy Freire, para cada R\$ 1 investido, o pecuarista tem um retorno de R\$ 7 a R\$ 10 com o produto. "O lucro é de R\$ 100 por animal. É dinheiro que não acaba mais", enfatiza, em referência ao suplemento que combina óleos naturais e enzima. A área de nutrição animal e, particularmente, a de bovinos, é de extrema relevância para a DSM. No ano passado, a empresa teve receita global de R\$ 9,1 bilhões no mundo, dos quais R\$ 675 milhões na América Latina. Segundo Freire, a área de nutrição animal é a principal responsável pelo resultado, e o setor de bovinos responde por 50% da área. Do ponto de vista da produção, a utilização desse suplemento na alimentação dos bovinos pode significar tanto um menor prazo para que o animal atinja o peso de abate comparado com a alimentação tradicional que inclui o antibiótico ionóforo - usado como promotor de crescimento - quanto vender um animal mais pesado. Geralmente, os bovinos ficam, em média, 90 dias no confinamento. Apesar do otimismo com os produtos que serão lançados hoje, o professor e pesquisador da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP), Flávio Portela Santos. Coordenador do estudo feito a pedido da DSM, o especialista afirma que os resultados são "promissores" no que diz respeito ao suplemento animal que combina as tecnologias dos chamados óleos essenciais e a enzima amilase. "É bastante promissor, mas precisa de mais dados. É o primeiro estudo do tipo", diz, ressaltando que, no caso do suplemento que inclui somente a tecnologia com óleos e que substitui apenas os antibióticos, os dados são mais consolidados. Portela admite que os resultados mostraram que o produto tem o mesmo efeito dos beta-agonistas, mas ressalva que os dois produtos não podem ser vistos como concorrentes e poderiam ser usados de modo complementar caso os beta-agonistas não estivessem suspensos. Do ponto de vista financeiro, o suplemento da DSM pode ter um impacto tão grande na produtividade no confinamento quanto prometiam os beta-agonistas. E o uso complementar não parece estar no horizonte. Além do veto europeu, os beta-agonistas também enfrentam maior resistência nos EUA desde 2013, onde são permitidos. Naquele ano, a americana MSD, braço veterinário da farmacêutica Merck, suspendeu o uso dos produtos após suspeitas de frigoríficos de que o medicamento tenha provocado problemas motores nos animais. Diante da tendência de crescimento dos confinamentos no Brasil, a DSM espera fechar as primeiras vendas dos novos suplementos em encontro com confinadores nesta quinta-feira. Conforme estimativa da Associação Nacional dos Confinadores (Assocon), o Brasil engordou 4,1 milhões de cabeças de bovinos no confinamento. Para este ano, a entidade estima um avanço de 7,65% e o crescimento tende a continuar.